

# Na corda bamba dos ecrãs



**Claudia Carvalho Silva**

Vêm filmes e séries quando querem e onde querem – na televisão, no computador, no telemóvel. Os serviços de *streaming* levam-lhos num instante até casa, assim como uma biblioteca quase inesgotável de música que cabe no bolso e se carrega para qualquer lado. Os portugueses com menos de 30 anos ainda lêem, mas não tanto quanto antes, e raramente lêem livros electrónicos. Negam a ideia de que são uma geração de ficar em casa, agarrada ao telemóvel: também saem para ir ao cinema e a espectáculos, para dançar e frequentar festivais, e gostavam de ter mais dinheiro para o fazer. Como em tudo, há casos e casos. “O interesse pela cultura não parte da geração, é pessoal”, acredita Márcia Tavares, de 28 anos.

Na Maceira, a vila de Leiria onde mora, Márcia passa grande parte dos seus dias frente ao computador, a escrever uma tese de doutoramento em bioengenharia. À noite, acaba muitas vezes por ceder à “tentação” do *streaming* em vez de sair ou de pegar num livro. “É um grande problema porque é muito mais fácil: ver uma série não cansa tanto.” Não é a única. “Pego mais facilmente numa série do que leio um livro, é mais prático, a informação vem até nós, é um bocadinho a preguiça de não termos de a procurar, de não estarmos tão focados”, concorda a amiga Mariana Romão, de 29 anos, que começará agora a trabalhar na indústria biofarmacêutica. Da mesma forma, quase só liga a televisão para ter “barulho de fundo”.

Com as responsabilidades da vida adulta – a renda da casa, as despesas, a rotina do trabalho, possíveis encargos parentais –, “os consumos culturais tendem a tornar-se muito mais domésticos e as práticas que se faziam em grupos de amigos também vão diminuindo”, explica o sociólogo Vítor Sérgio Ferreira, do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa. O impacto dos meios digitais é inegável: “Tudo o que tem que ver com a digitalização do mundo, nomeadamente o mundo da cultura, pode acentuar este tipo de tendências. Mas elas já existiam antes”, assegura.

Há (novas) práticas culturais dentro de paredes, muito ligadas a plataformas digitais e redes sociais. “É um facto novo, muito apropriado pelos jovens. Mas não acredito que vá impedir a sociabilidade, não gosto nada dos discursos de isolamento e afins”, contextualiza o investiga-

dor. No fundo, a geração sub-30 beneficia dos dois mundos – consome cultura em casa e consome cultura fora. “É uma vida eventualmente mais rica e mais plural.”

## O factor-surpresa da televisão

Há, portanto, várias possibilidades entre esses dois extremos de um consumo unicamente digital e de um consumo mais “tradicional”. “Nunca preferi ficar em casa em vez de ir a um concerto; se há um concerto de uma banda de que eu goste, vou. Cada vez mais quero sair de casa”, diz Emanuel Silva, 27 anos. “Compararia um vinil a ver séries ou filmes num serviço de *streaming*: ouço um vinil quando me apetece verdadeiramente ouvir música, tenho de estar focado; escolho o momento para ouvir, escolho o estado de espírito. Não consigo ser compulsivo, tenho de escolher quando e como quero ver”, afiança.

Em oposição, Emanuel gosta do factor-surpresa da televisão, que consome mais do que o *streaming*: “Não me faz confusão ter intervalos e hora marcada, continua a parecer-me mágico.” Já Francisco Fidalgo, videógrafo de 26 anos, nunca a liga. “Há alturas em que faz mais sentido estar a ler um livro do que estar a ver um filme, não tenho propriamente uma preferência; mas se só tiver uma meia hora em casa, mais rapidamente pego num livro do que noutra coisa. Depende das alturas”, explica, dizendo que deixa o telemóvel longe nesses momentos de lazer.

Rita Lucas, 25 anos, não sente que o telemóvel é um impedimento quando lê, nem que lê menos por ter conteúdos “mais imediatos” à mão, até porque não tem serviços de *streaming* pagos. “Leio bastante, mais do que vejo filmes e séries. Entre lazer e trabalho, uns 20 ou 25 livros por mês”, conta. O número é inflacionado porque faz investigação em História na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lê sempre em papel, a não ser que precise mesmo de algum livro a que só tenha acesso *online*.

## Apertar os cordões à bolsa

Vítor Sérgio Ferreira explica que o consumo de livros tem vindo a descer, mas isso não significa que haja menos leitura, até “porque se lêem coisas que não se liam no passado”. Márcia Tavares não leu nenhum livro durante os seus cinco anos de faculdade. “Mas estudava muito”, brinca. Começou por ler *1984*, de George Orwell, e gostou tanto que, desde então, aprecia os momentos de leitura e lê com muito mais frequência. “Às vezes obrigo-me, é só aquela força inicial que é preciso para nos focarmos não estarmos sempre a olhar para o telemóvel ou para o computador.” Como não trabalha, reconhece que a questão financeira afecta os seus consumos. Também Emanuel Silva aperta os cordões à bolsa “porque há imensa coisa a acontecer”, mas vale a pena: “Na questão da cultura nunca sinto que estou a perder dinheiro.”

Mariana Romão lê dois ou três livros por ano e ouve *podcasts* com regularidade (mais de humor, admite) e nota que tanto eles quanto as séries e os filmes se tornam inevitavelmente assunto, contribuindo para conversas livres de ecrãs. Não sente que o seu consumo de cultura seja inteiramente digital, “há um bom equilíbrio”.

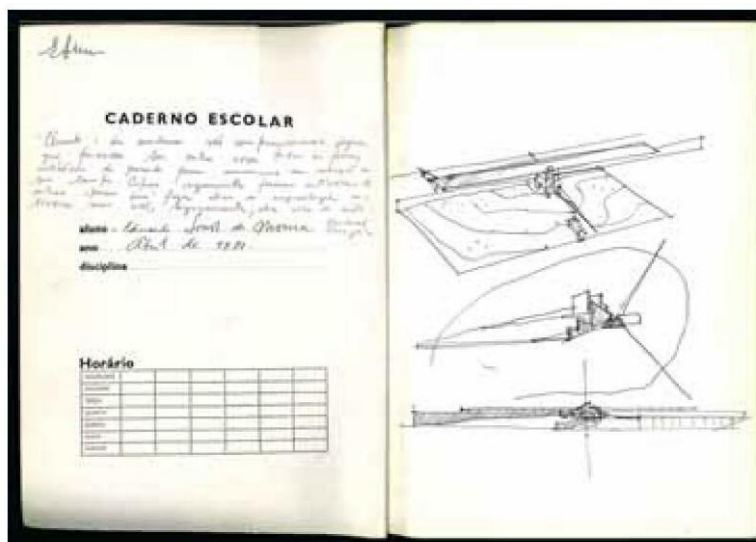
Ainda que a música lhes chegue cada vez mais ao ouvido através de plataformas de *streaming* – Spotify, Apple



**#conselhosameueude30anos**  
**Se o meu "eu" hoje tivesse 30 anos, fazia exactamente o mesmo que fiz em 1980 para o Mercado do Carandá, em Braga. Citaria também o "progressista" cardeal Cerejeira (ver desenho), mas acrescentaria Rimbaud: "Il faut être absolument moderne..." — et pas post-moderne**

**Eduardo Souto de Moura** Arquitecto

"Quanto a ser moderno não compreendemos sequer que pudesse ser outra coisa. Todas as formas artísticas do passado foram modernas em relação ao seu tempo. Copiar legalmente formas artísticas de outras épocas será fazer obras de arqueologia artística, mas não, seguramente, obra viva de arte" Cardeal Cerejeira



Music, Bandcamp ou até YouTube –, há uma fracção dos sub-30 apaixonada pelos discos de vinil e são muitos os que dizem ir a concertos (teatro e exposições não tanto). Os festivais de música também abundam e são encontro marcado para muita gente, seja Verão ou Inverno. Vão pela música, ainda que reconheçam a importância de um bom ambiente e de boa companhia. Em 2019, houve 287 festivais de música em Portugal que mobilizaram um total de 2,1 milhões de espectadores, segundo dados da Aporfest. Foram mais 15 festivais do que em 2017, ano em que 76% dos espectadores tinham menos de 30 anos.

Mas a idade não deve ser a única forma de categorização dos consumos culturais: “É preciso ter muito cuidado com a utilização de ‘geração’ como sendo uma categoria distintiva”, acautela Vítor Sérgio Ferreira. O investigador é um dos autores de um relatório do ICS sobre hábitos e consumos dos jovens portugueses, publicado em 2015 – o mais recente sobre o tema –, em que se explica que, além da idade, entram para a equação do consumo cultural factores socioeconómicos: quem vive confortavelmente com o seu rendimento consome mais cultura do que quem tem dificuldades; as mulheres lêem mais do que os homens e os homens vão mais a eventos desportivos; quem tem mais escolaridade (e pais mais instruídos) vai mais ao cinema e a concertos, sai mais para dançar e lê mais. Francisco Fidalgo acredita que pode haver equilíbrio entre sair e não sair, e que os consumos não se devem julgar: “Não me parece que haja um caminho certo, não é só ver filmes, ler livros e não ligar às redes sociais. Se és feliz na mesma...”



Rita Lucas, 25 anos “Leio bastante, mais do que vejo filmes e séries”

#cultura